

# UNIDADES PLURIVERBAIS: ENSINO E PROCESSAMENTO <sup>1</sup>

Graça RIO-TORTO  
Sílvia RIBEIRO

## RESUMO

Os compostos, sendo unidades pluriverbais, ganham em ser descritos à luz não apenas do número e da natureza das unidades lexicais que os compõem ou das propriedades de opacidade interna que os caracterizam, mas também do modo como a semântica destas interage para dar origem a produtos lexicais holísticos, e muitas vezes dotados de uma idiomaticidade culturalmente marcada, que importa assinalar. Neste texto realçam-se diferentes tipos de propriedades dos compostos que podem ser exploradas em aula, desde as que têm a ver com as diferentes dimensões observáveis nos constituintes internos do composto, às que atinem à capacidade denominativa/referencial e predicativa do composto, às representações mentais que fundamentam a sua tessitura semântica, ao modo como se processa a produção de sentidos não literais (metafóricos e/ou metonímicos), à ancoragem cultural que os singulariza.

PALAVRAS-CHAVE: unidades pluriverbais; compostos; metáfora; metonímia

## 1. Introdução

Os compostos, como outras unidades pluriverbais ou plurilexémicas, não têm sido objecto de atenção especial por parte das gramáticas e, subsequentemente, da didactização da língua, por certo devido ao facto de serem relativamente recentes os estudos de natureza teórica mais aprofundados sobre este domínio do léxico, e também devido ao facto de este sector ter um processamento assaz complexo e uma amplitude de contornos nada fáceis de delimitar.

Não vamos aqui dilucidar as múltiplas questões teóricas sobre as fronteiras entre as unidades pluriverbais de que nos ocupamos e as demais unidades polilexicais do chamado fraseoléxico, tais como os sintagmas fixos, os idiomatismos, as colocações ou, segundo as concepções melcukianas (MEL'CUK, 2001), os frasemas, os semi-frasemas e os quase-frasemas.

---

<sup>1</sup> Esta comunicação inscreve-se no âmbito das actividades de investigação realizadas pelas autoras no CELGA, Unidade de I&D da Universidade de Coimbra (Faculdade de Letras) financiada pela FCT. Este texto, apresentado como comunicação ao II SIMELP (Universidade de Évora, 6-11 de Outubro de 2009), está na origem da versão a publicar em M. Helena Moura Neves (org.), *As interfaces da gramática*. Araraquara, UNESP Editora.

Graça Rio-Torto é docente do Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra ([riotorto@fl.uc.pt](mailto:riotorto@fl.uc.pt)) e Sílvia Ribeiro da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Águeda, da Universidade de Aveiro ([sribeiro@ua.pt](mailto:sribeiro@ua.pt)).

Impõe-se, todavia, uma breve reflexão sobre estas diferentes classes de unidades sintagmáticas, no âmbito das quais se inscrevem os compostos.

Por expressões idiomáticas, idiomatismos ou frasemas entendem-se (SANROMÁN, 2001) combinações lexicais restritas ou estruturas pré-fabricadas cujas propriedades, sejam semânticas ou sintáticas, não são dedutíveis a partir das partes: *andar à nora* ‘andar desorientado’, *ter muita lata* ‘ser muito atrevido/ousado’, *ver-se e desejar-se* ‘estar em grandes dificuldades’, *mercado negro* ‘comércio ilegal, clandestino’, *ponte aérea* ‘transporte regular por avião entre dois pontos’. Trata-se de ‘idioms of decoding’ (na acepção de Makkai, 1972), do tipo de *apanhar bonés*, *arrastar a asa*, *bater a bota*, *meter os pés pelas mãos*, *ter dor de cotovelo*, ou seja, de estruturas que suscitam dificuldades na codificação e na descodificação; nelas a idiomaticidade pode ser de tal ordem que estas unidades surjam como opacas para um falante de português como língua não materna, ou até mesmo como língua materna.

Por colocações (COWIE, 2001) ou semi-frasemas designam-se estruturas polilexemáticas do tipo *fazer a cama*, *levantar a mesa*, *apanhar o autocarro*, *tomar ar*, dotadas de fixidez estrutural, denotacional e psicolinguística, e que normalmente são “idioms of encoding”, levantando problemas na codificação, e não tanto na descodificação. Normalmente uma das propriedades é dedutível a partir de um dos termos: *colocar uma questão*, *dar um passeio*, *pôr em dívida*, *prestar atenção*, *erro clamoroso*, *obediência cega*, *sorriso amarelo*, *chave-mestra*, *imprensa marrom* [PB].

Por quase-frasemas entendem-se os frasemas que conservam o sentido das partes, ao qual se acrescenta um novo sentido não dedutível a partir destas, como em “[...] ovo estrelado, centro comercial, cinturão negro, frase feita, tecto falso, condições de venda, pré-pagamento.” (exemplos extraídos de SANROMÁN, 2001, p.181-182).

O grau de opacidade estrutural é maior nos frasemas do que nos semi-frasemas, que admitem modificação adverbial e/ou quantificação (*prestar muita/pouca atenção*, *prestar atenção ininterruptamente*; *erro absolutamente clamoroso*).

As unidades sobre as quais nos debruçamos - cada uma das quais configura uma unidade lexical multiverbal dotada de opacidade interna e de unidade denotacional - são combinatórias lexicais fixas que assentam em co-ocorrências lexicais privilegiadas. Porque não têm dimensão

nem estrutura proposicional<sup>2</sup>, estas combinatórias fixas não são ainda combinatórias fraseológicas, mas situam-se na fronteira com estas, consubstanciando o que, no (fraseo)léxico, se poderia denominar de sintagmático ou de não proposicional.

Partindo destas reflexões prévias, as questões que nos propomos explorar são as seguintes.

1. Como são tratadas na gramática contemporânea do português as unidades pluriverbais a que se dá o nome de compostos? De que tipologia de compostos se parte?
2. Que dimensões podem/devem ser valorizadas aquando do estudo e do ensino dos compostos?

Para dar resposta a estas questões procuraremos caracterizar os compostos, contrapondo uma visão multifactorial (compostos morfológicos, morfossintácticos, posicionais ou sintagmáticos) a uma visão mitigada dos compostos no *Dicionário terminológico*, em vigor no ensino básico oficial de língua portuguesa em Portugal. Reflectiremos também sobre diferentes graus de composicionalidade e de idiomaticidade que caracterizam as unidades polilexicais, analisando a necessidade de articular níveis de (não)composicionalidade com a activação de mecanismos retórico-figurais de produção de sentido capazes de explicar o semantismo das unidades plurilexicais marcadas pela figuralidade. Por fim, sublinharemos o interesse em pôr em relevo as funções (denominativa ou predicativa) de que as unidades plurilexicais podem ser suporte e as representações cognitivas e culturais que codificam.

## **2. Caracterização dos compostos: uma análise multifactorial**

Os compostos são unidades pluriverbais que resultam da combinação de pelo menos dois lexemas<sup>3</sup> numa só unidade lexical. O esquema seguinte sintetiza o modelo mais geral de composição em português.

---

<sup>2</sup> As unidades que constituem objecto desta reflexão não são fraseologias posicionais, na acepção de Burger (2003), pois não constituem asserções sobre objectos e sobre estados de coisas, como muitos dos provérbios (*no melhor pano cai a nódoa*). A este tipo de fraseologias contrapõe o autor as fraseologias denominativas, que denotam objectos e estados de coisas, e de que são exemplo os idiomatismos (*ter dor de cotovelo*, *apanhar um taxi*, *tomar /pegar [PB] um taxi*) e as colocações (*fazer a cama*, *meter a cabeça na areia*).

<sup>3</sup> Exemplo de compostos trimembres, quadrimembres e n-membres são *afro-luso-americano*, *bio-nano-tecnologia*, *controlo electrónico de passaportes*, *eco-termo-acumulador*, *geo-socio-linguística*, *nano-micro-mini-empresas* (denominação humorística criada num programa televisivo português de “Os gatos fedorentos”, em Outubro de 2009), *radio-leitor-gravador de cassettes*, *tribunal de primeira instância*.

$$[[a]_x [b]_y]_z$$

**Figura 1** - Modelo geral de composição em português.

Nele [a] e [b] representam as palavras, os radicais ou os temas que integram o composto. X, Y e Z representam as classes lexicais associadas a [a], [b] e ao composto.

Os constituintes estão gramaticalmente ligados por relações de coordenação, de subordinação ou de atribuição.

A semântica do composto não resulta necessariamente da soma dos sentidos dos seus constituintes. Muitas vezes o semantismo do composto apresenta um acentuado grau de especialização, como em *astro-física*, *nanotecnologia*, *biorritmo*, ou de fixidez semântica (*caixa negra*, *saco azul*, *associação académica*), assim se distanciando o todo do semantismo individual das partes. Repare-se que [PE] *saco azul* (equivalente a [PB] *caixa dois*) não denota um qualquer saco de cor azul, *caixa negra* não remete para uma qualquer caixa de cor negra, mas denota um objecto muito específico que actualmente já nem tem essa cor, mas outra mais facilmente reconhecível. De igual modo, no PE *associação académica* não equivale a ‘associação de académicos’, pois nesse caso poderia incluir também os docentes, denotando antes associações de estudantes. Mais ainda: o universo de estudantes recoberto por esta unidade pluriverbal é bem restrito: as *associações académicas* são associações de estudantes do ensino superior; nos demais níveis de ensino fala-se em, Portugal, de *associações de estudantes*.

Em todo o caso, o composto, qualquer que seja a sua composição interna, denota algo que é cognitivamente uno, possuindo portanto uma significação estabilizada e convencionalmente reconhecida como tal pelos membros da comunidade em que foi criado. A unicidade conceptual, ontológica e referencial do composto faz dele objecto de uma escolha única, sempre que se pretende denotar algo bem preciso, como *bilhete de identidade*, *mesa-redonda*, *belas-artes*, *quebra-nozes*, *nado-vivo*.

Para a caracterização dos compostos podem ser convocados critérios de natureza diversa que, de forma complementar, ajudam a melhor os descrever e interpretar. Alguns desses critérios, que utilizamos em Rio-Torto e Ribeiro, em preparação, são:

---

A descrição que aqui apresentamos inscreve-se no trabalho por nós desenvolvido (Rio-Torto e Ribeiro 2009, Ribeiro e Rio-Torto 2010) sobre os compostos do português no âmbito do MorBoComp <<http://morbo.lingue.unibo.it>>. Para uma panorâmica deste projecto de investigação, ver Bisetto e Scalise (2005) e Scalise e Bisetto (2009).

- (i) morfologia interna (natureza presa/autónoma, simples/derivada dos termos);
- (ii) estrutura morfológica e estrutura acentual;
- (iii) classes lexicais envolvidas (seja nos termos constituintes, seja no composto);
- (iv) padrões de combinações possíveis entre classes lexicais;
- (v) endocentrismo e exocentrismo;
- (vi) nexos gramaticais intracomposto;
- (vii) estrutura argumental;
- (viii) opacidade sintáctica e lexical<sup>4</sup>;
- (ix) mecanismos de produção de sentidos (graus de opacidade/transparência semântica, muitas vezes resultantes da activação de mecanismos de transformação figurais (metáfora, metonímia, metaftonímia))
- (x) aspectos culturais explicitados pela codificação da realidade através dos compostos.

Não vamos aqui explorar todos estes critérios, remetendo o leitor para Ribeiro (2009), Rio-Torto e Ribeiro (2009) e Ribeiro e Rio-Torto (2010). Faremos, isso sim, uma síntese dos aspectos essenciais que servem os propósitos deste texto.

## **2.1. Morfologia interna dos compostos: de uma visão mitigada a uma visão mais enriquecida**

Na recente (2007) terminologia oficial do português para efeitos escolares — o Dicionário terminológico, publicado pela portaria 476, de 18 de Abril de 2007 e disponível em linha em <http://dt.dgicd.min-edu.pt/> —, distinguem-se compostos morfológicos e compostos morfossintácticos com base no carácter preso ou livre dos seus componentes internos. A estas classes de compostos importa associar os chamados compostos preposicionais ou sintagmáticos (ou também palavras sintagmáticas ou sintagmas fixos).

### **Compostos morfológicos**

---

<sup>4</sup> Não pode confundir-se grau de fixidez da estrutura com idiomaticidade. Em *leite gordo* temos uma combinação lexical fixa, pois *gordo* não pode ser substituído por *gorduroso*, quando pretendemos denotar ‘leite a que não se retirou nata ou gordura’, mas não idiomática, pois o sentido do todo é transparente e dedutível a partir do das partes.

Os compostos morfológicos são unidades que incluem um ou dois termos presos, muitos dos quais neoclássicos, unidos por uma vogal de ligação. Vamos observar compostos em que só uma forma é presa, e outros em que ambas o são.

(i) Compostos com uma só forma presa

São exemplo de compostos em que o termo da direita é autónomo (o hífen ajuda a visualizar essa autonomia, e + sinaliza que o radical à sua esquerda é não autónomo), havendo no composto uma só forma presa: *afr+o-americano*, *lus+o-chinês*, *físic+o-química*, *infant+o-juvenil*, *politic+o-cultural*.

(ii) Compostos com duas formas presas

São exemplos de compostos deste tipo *carnívoro/a*, *centrípeto/a*, *democracia*, *herbicida*: nestas palavras nenhum dos termos em jogo funciona como autónomo na língua. Os radicais *carn-*, *centr-*, *herb-* e os constituintes eruditos que figuram à direita (*-vor-*, *-pet-*, *cracia*, *-cida*) são formas presas no português.

### Compostos morfossintáticos

Os compostos morfossintáticos envolvem a combinação de duas palavras ([*surdo-mudo*], [*guarda-chuva*], [*via láctea*]), e são interpretados como resultantes da reanálise de uma estrutura sintáctica em uma palavra. Nos exemplos que se seguem, a presença ou ausência de hífen não interfere com a fronteira interna dos termos do composto:

- (i) [VN]<sub>N</sub>: *abre-latas*, *guarda-jóias*, *picapau*, *pisa-papéis*
- (ii) [NN]<sub>N</sub>: *bar-restaurante*, *bébé-proveta*, *cheque-saúde*, *cimento-cola*
- (iii) [NA]<sub>N</sub>: *cofre-forte*, *lua-nova*, *obra-prima*, *via verde*
- (iv) [AN]<sub>N</sub>: *alta-fidelidade*, *belas-artes*, *grande área*, *puro sangue*
- (v) [NumN]<sub>N</sub>: *primeiro ministro*, *sexta-feira*, *terceira-idade*, *sétima arte*
- (vi) [AA]<sub>A</sub>: *claro-escuro*
- (vii) [NV]<sub>N</sub>: *sanguessuga*
- (viii) [VAdv.]<sub>N</sub>: *bota-fora*, *fala-barato*

### Compostos preposicionados, sintagmáticos ou palavras sintagmáticas

Às classes de compostos descritas deve juntar-se uma outra classe, muito representada em português, como nas demais línguas românicas: a dos compostos sintagmáticos ou preposicionais. Estes compostos têm uma estrutura [NprepN]<sub>N</sub>, e alguns são representações analíticas de compostos latinos do tipo *ludimagister*, *paterfamilias*, cujas marcas de caso foram substituídas por estruturas preposicionadas. As classes mais representadas são [NprepN]<sub>N</sub> (*caminho de ferro*, *chave-de-fendas*, *fim-de-semana*) e [NprepV]<sub>N</sub> (*máquina de lavar*, *ferro de engomar*).

Como tivemos ocasião de mostrar em Rio-Torto e Ribeiro (2009), este tipo de unidades pluriverbais partilha com os compostos morfológicos e morfossintáticos (i) as mesmas propriedades gramaticais e semânticas entre os seus membros, e (ii) as mesmas propriedades sintáticas e lexicais.

Com efeito, os compostos preposicionados exibem as mesmas propriedades que os demais tipos de compostos: opacidade interna, traduzida nomeadamente na interdição de alterações no âmbito da determinação, e impossibilidade de inserção de unidades lexicais no seu seio. A determinação (*chave das fendas*, *fim desta semana*) e a inserção de unidades lexicais (*fim de ótima semana* ou *máquina de bem lavar*) transforma estes compostos em sintagmas nominais, tendo portanto já não uma leitura genérica, mas ancorada referencialmente.

### 3. Graus de composicionalidade, de idiomatidade ou de lexicalização

A semântica das unidades pluriverbais pode ser relativamente composicional e, como tal, dedutível a partir da semântica dos constituintes, ou pode ser marcada por alguma opacidade, devido a diferentes graus de idiomatização ou de lexicalização que afectam o todo.

Quando o semantismo do todo é relativamente literal torna-se facilmente computável a partir da combinatória da semântica de cada um dos seus constituintes. Assim acontece com os exemplos do Quadro 1, que supomos serem de leitura e de processamento acessíveis a um falante de português língua materna. Como se observa nos dados do Quadro 1, a composicionalidade semântica do todo é patente em estruturas compositivas de tipo [NN]<sub>N</sub>, [NA]<sub>N</sub> e [NprepN]<sub>N</sub>.

[NN] <sub>N</sub>	[NprepN] <sub>N</sub>	[NA] <sub>N</sub>
-------------------	-----------------------	-------------------

---

andar-modelo	bilhete de identidade	banda gástrica
camião-cisterna	cartão de crédito	cofre forte
cão-polícia	crime de sangue	lua-nova
couve-flor	granada de mão	selo fiscal

---

**Quadro 1** - Estruturas dotadas de composicionalidade semântica.

Contudo, muitas unidades pluriverbais há cujo sentido não é dedutível a partir do conhecimento da semântica das partes. O todo sofreu uma especialização de sentido, alguma forma de fixidez ou de cristalização semântica, que o afasta do seu sentido composicional, e que o marca com graus diversos de idiomaticidade. Se em certos casos um falante de língua materna pode conseguir descodificar o sentido encriptado de algumas destas unidades pluriverbais, o mais provável é que um falante de português como língua não materna (língua segunda ou estrangeira) não consiga aceder à significação que usualmente - e convencionalizadamente - está associada a tais unidades. Sempre que a semântica das unidades pluriverbais é algo cristalizada ou encriptada, torna-se necessária a sua descodificação explícita por parte do docente.

Começemos por observar algumas unidades pluriverbais de sentido algo idiomaticizado que, por serem processadas como opacas por um falante de português língua não materna, terão de ser objecto de tratamento didáctico diferenciado, com explicitação do sentido convencional com que são utilizadas comunicativamente.

- (1) *carta branca*: não uma carta em papel branco ou em branco, no sentido de (ainda) não redigida, mas ‘autorização sem restrições’
- (2) *guerra fria*: não uma guerra que se desenrolou em época ou em território frio, mas ‘guerra de bastidores, não envolvendo meios bélicos, entre o bloco de leste, liderado pela extinta URSS, e o bloco ocidental, liderado pelos EUA, no post-II grande guerra’
- (3) *pessoa de palavra*: não uma pessoa dotada de capacidade oratória, capaz de usar bem a palavra, mas uma ‘pessoa cumpridora da sua palavra’
- (4) *puro sangue* (animal/cavalo): não um (animal com) sangue não contaminado com vírus ou bactérias, mas ‘animal em cuja génese não há cruzamento/contaminação de raças [de sangues]’

Há palavras que comportam dois sentidos, um mais literal e outro mais especializado, já próximo dos tecnoléxicos, verbalizadores das áreas de saber marcadas por cada vez mais acentuada especialidade. Assim acontece com:

(5) *obra de arte* :

5' peça/obra artística

5'' no sentido técnico, 'obra de arquitectura' (ponte, viaduto, edifício)

Em muitas circunstâncias a dupla leitura que uma unidade admite tem na sua génese um fenómeno de transformação de sentido literal em figurado (ou figural), através de mecanismos de metaforização, de metonimização e /ou de metaftonimização.

Observemos os exemplos que se seguem:

(6) *fio dental*:

6' fio de material diverso usado para limpeza interdental

6'' cueca que, na parte das nádegas, se assemelha a um fio dental

(7) *teias-de-aranha*:

7' teias tecidas pelas aranhas

7'' ideias preconcebidas ou obsoletas que ofuscam o pensamento

Em 6' a leitura de *fio dental* como 'qualquer fio de material diverso usado para limpeza interdental' é uma leitura literal, acessível a partir da computação da informação semântica das partes; já em 6'' a utilização de *fio dental* com valor denominativo para identificar uma peça de vestuário que se assemelha a um fio dental (no sentido 6') decorre de um processo claro de metaforização (algo que tem semelhanças com...).

O mesmo se aplica a *teias-de-aranha* que, no sentido 7'', não denotam já o produto tecido pelas aranhas, mas uma nova realidade conceptual e denotacional, também ela complexa, emaranhada, ofuscante, como se depreende de «as teias de aranha impediram-no de raciocinar com objectividade».

#### **4. Metáfora, metonímia, metaftonímia como processos cogn(osci)tivos de produção de sentidos**

Os processos de metonimização e/ou de metaforização não são exclusivos dos registos literários e poéticos, mas encontram-se disseminados por toda a linguagem, sendo dela consubstanciais (SILVA, 2003). Por isso, a par com o estudo das suas manifestações estético-literárias, seria de toda a conveniência que os docentes também trabalhassem em aula a activação destes mecanismos por parte da língua comum, já que não constituem ornamentos que acrescem ao literal, mas são inerentes à faculdade da linguagem e à conceptualização quotidiana em linguagem verbal. Os processos de metonimização e/ou de metaforização são manifestações de processos cognitivos gerais, e fontes importantíssimas de formação de conceitos (GIBBS; STEEN, 1999; GIBBS; FRANCOZZO, 2004), através de extensão semântica, seja por generalização ou por especialização de sentidos.

As unidades de que nos ocupamos, pela sua composição pluriverbal, configuram um dos sectores do léxico cujos produtos mais reflectem os processos de transformação metafórica e/ou metonímica.

Por isso este sector presta-se, de forma impressionante, a que o professor explore, à luz das modernas concepções da metáfora e da metonímia, o modo como estas actuam e como moldam, de forma singular e culturalmente motivada, a verbalização do real.

A metáfora e a metonímia constituem dois processos de produção de sentido que resultam de mecanismos cognoscitivos (comparação ou associação por similaridade e substituição/contiguidade) pervasivos da linguagem humana. As operações metafóricas e metonímicas têm, aliás, um carácter não arbitrário mas experiencializado e corporalizado (*embodiment*), sendo por isso particularmente representativas da singularidade cultural que cada língua faz da realidade (TOMASELLO, 1999).

Os esquemas ou os padrões cognitivos e conceptuais em jogo na metáfora e na metonímia são consabidamente diferentes.

A metonímia assenta numa relação de contiguidade de domínios conceptuais, portanto de mudança referencial (objecto/evento, portador/portado, propriedade/proprietário, parte/todo, todo/parte, agente/instrumento), e a metáfora numa relação imagética de associação por similaridade.

A metáfora implica uma projecção de domínios, de composição/combinção de material conceptual de mais de um espaço de *input* e/ou o estabelecimento de similaridades (e de denominadores comuns) entre domínios.

A metonímia envolve mecanismos de contiguidade conceptual, que se subsumem em dois ou três esquemas-tipo de (i) parte pelo todo, (ii) todo pela parte e (iii) parte pela parte. Quando é activada uma relação metonímica, “X (domínio origem) está por Y (domínio meta)”, podendo ocorrer copresença ou sucessão de domínios. Em caso de relação metafórica, “X é Y” (ex.: *a vida é um jogo, uma viagem*), pelo que o domínio origem e o domínio meta partilham uma relação de comunhão de propriedades.

À luz destes considerandos, amplamente desenvolvidos por Silva (2003), podemos explorar diferentes exemplos de unidades pluriverbais cujo sentido envolve mecanismos metafóricos, metonímicos e metaftonímicos.

Metonímia	Metáfora
os boinas verdes	balde de água fria ‘desilusão’
os capacetes azuis	flor de estufa ‘fragilidade’
um pele vermelha	lágrimas de crocodilo ‘hipocrisia’

**Quadro 2** - Metonímia e metáfora nas unidades pluriverbais.

Porque os mecanismos cognitivos são diversos, as unidades pluriverbais cujo sentido envolve metonimização serão de mais fácil descodificação que as que envolvem metaforização. Assim, nas denominações *os boinas verdes*, *os capacetes azuis*, *um pele vermelha*, o que está em jogo é uma representação de realidades diversas (entidades militares, tipo étnico) portadoras das características verbalizadas, e por elas tipificadas. Já em *balde de água fria*, *flor de estufa*, *lágrimas de crocodilo*, são os sentidos de ‘desilusão’, ‘fragilidade’ e ‘hipocrisia’<sup>5</sup> que deverão processados, com um esforço adicional que a idiomaticidade impõe.

A metaftonímia envolve activação dos dois processos, observáveis em (8-9).

- (8) *um caixa de óculos*: ‘indivíduo portador de óculos cuja armação se assemelha a uma caixa à volta dos olhos’

<sup>5</sup> *Lágrimas de crocodilo* começa por denotar ‘choro ou queixumes fingidos’. O crocodilo, quando ingere um alimento, faz forte pressão contra o céu-da-boca e comprime as glândulas lacrimais, chorando enquanto devora a vítima. Perdido ou desconhecido o sentido literal (e suas motivações), em termos comunicativos a expressão é usada para significar ‘hipocrisia, fingimento’.

- (9) *o pé de meia* : ‘dinheiro que se arrecadava na parte da meia onde se enfia o pé, e que se designa por ‘o pé da meia’ > ‘pecúlio que se aforra’

Em *uma caixa de óculos* detecta-se um processo metafórico de denominação da armação dos óculos através do substantivo ‘caixa’ (similaridade de formas, em que os óculos evocam uma caixa) e um subsequente processo metonímico de designação do indivíduo a partir de um dos artefactos (os óculos encarados como ‘caixa’) de que este é portador.

Em *o pé de meia* está em jogo a seguinte sequência de processos cognitivo-lexicais: ‘o pé da meia’ denomina, por associação e/ou por contiguidade, a parte da meia que recobre o pé; outrora arrecadava-se o dinheiro nessa parte da meia; por metonímia ‘*pé de meia*’ passou a denominar ‘dinheiro que se arrecadava na parte da meia onde o pé se enfia’ e, de forma mais geral, ‘(qualquer forma de) pecúlio que se aforra’.

## 5. Língua e cosmovisão

As unidades pluriverbais de que nos ocupamos servem propósitos quer denominativos, quer predicativos, que se impõe sejam valorizados no estudo do léxico de cada língua.

As realidades configuradas através de unidades pluriverbais podem ser comuns a diferentes universos culturais, sendo então transnacionais, mas os recortes denominativos adoptados por cada universo podem assumir formas dele específicas, ou não. Quando as realidades são específicas de uma dada comunidade, as configurações pluriverbais que as verbalizam também serão desta singulares. Em todos os casos, porque através das unidades pluriverbais se ‘diz’ o real de modo original, a correlação entre língua, cognição e cultura encontra nelas um terreno de fértil e de proveitosa exploração.

### 5.1. Denominação e predicação

Como outras unidades do Léxico, também as unidades pluriverbais de que nos ocupamos estão ao serviço das funções de denominação e de predicação da língua a que pertencem.

Com efeito, muitas há que ajudam a **denominar**, de forma singular, as mais diversas realidades. Tenham-se em conta as numerosas unidades plurilexicais do mundo da botânica (*amor-perfeito*, denominação de um tipo de flor; *unha-de-cavalo*, denominação de planta

espontânea no norte de Portugal), da zoologia (*viúva alegre*, denominação de espécie de ave comum em Portugal; *perna-de moça*, denominação de certos peixes do grupo dos esqualos) ou da culinária (*barriga de freira*, *toucinho do céu*, denominações da doçaria tradicional portuguesa) de que a língua portuguesa dispõe em abundância, e que Ribeiro (2009) estuda na sua dissertação de mestrado.

Paralelamente, muitas unidades pluriverbais têm um valor essencialmente **predicativo**, permitindo atribuir propriedades aos nomes que modificam. Em “x é (um) *bicho do mato*” a propriedade em causa é a ‘não sociabilidade’, ou seja, “x é não sociável”, e em “x é *um zero à esquerda*” a propriedade em jogo é a da ‘nulidade de valor’, ou seja, diz-se de x que nada vale, sob o ponto de vista intelectual, profissional, funcional, ou outro, que não conta para nada, como um zero à esquerda de qualquer expressão numérica.

Nuns casos as representações que presidem às denominações e/ou às predicções são quase universais, noutros estão circunscritas às mundivisões específicas das comunidades que as criam.

## 5.2. Língua, cognição e cultura

São extremamente ricas e fecundas as questões de interface entre língua, cognição e cultura, entendida esta num sentido antropológico como conjunto de conhecimentos, hábitos, regras, valores, crenças, padrões de comportamento, partilhados pelos membros de uma sociedade (TELIYA et al., 2001).

A linguagem é uma prática cultural, social e cognitiva. Por seu turno, também os processos de metaforização e de metonimização têm uma base cultural e cognitiva, sendo portanto ancorados em modelos culturais e em esquemas mentais que podem ter uma amplitude relativamente universal ou, pelo contrário, assaz restrita, dando origem a unidades culturalmente circunscritas: *mata-bicho* ‘refeição a meio da manhã que se destina a atenuar [matar] a fome [o bicho] que corrói o estômago’ denominação usada em Portugal, em meio rural; em Moçambique equivale a ‘pequeno-almoço’; *roupa-velha* denominação usada em Portugal de ‘preparado alimentar excedentário — normalmente com batata, legumes e peixe — que se reaproveita

fazendo-se aquecer com azeite’; *zé-pereira* ‘tocador de bombo, que geralmente actua em festas e romarias populares, em Portugal).<sup>6</sup>

Todos conhecemos a instituição internacional que dá pelo nome de (pt.) *Cruz Vermelha*, (fr.) *Croix Rouge*, (ital.) *Cruce Rossa* e (ingl.) *Red Cross*. De acordo com as informações do sítio oficial desta organização, às denominações de *Cruz Vermelha* e de *Crescente Vermelho* (esta última usada no mundo islâmico), somou-se, a partir de Dezembro de 2005, uma terceira denominação, que se pretende mais abrangente, a de *Cristal Vermelho*, que doravante pode ser usada, conjuntamente com o seu símbolo, em todo o planeta. Sendo a mesma em todo o globo, a organização assumiu denominações diferentes durante largas décadas, em função do universo de uso, reganhando agora uma denominação universal, sem marcas culturais, religiosas ou nacionais tão impressionantes quanto as anteriores.

A comparação entre o modo como línguas diferentes ou sistemas nacionais de um mesmo diassistema processam cognitivamente e culturalmente os mecanismos de metaforização e de metonimização do real são extremamente elucidativos da natureza profundamente cultural(izada) dos mesmos.

Exemplos como *saco azul* (PE) e *caixa dois* (PB) ajudam a evidenciar em que medida uma mesma realidade — a de ‘um fundo clandestino de dinheiros ilícitos’ — é denominada através de formulações diversas nos dois países.

Estes exemplos, entre muitos outros, reflectem o recurso a mecanismos figurais para verbalizar o real, recurso que é patrimonialmente marcado porque peculiar à língua portuguesa. A utilização de recursos linguísticos diferentes para denotar realidades equivalentes — se bem que ancoradas em representações cognitivas e culturais diferentes — não é exclusiva das unidades pluriverbais, sendo comum a nomes simples e derivados. O exemplo de *zé-povinho* vs *povão* é disso ilustrativo. *Zé-povinho* é a formulação usada em Portugal para denominar o povo indiferenciado e de mais baixa condição: *zé* é um nome (encurtado) muito comum em Portugal e o diminutivo *povinho* traduz a infra-hierarquização (e subsequente desvalorização) de *povo*. No Brasil, tanto quanto nos é dado observar, é o aumentativo *povão* que é utilizado para os falantes se referirem ao grande conjunto de pessoas indiferenciadas e de mais baixa condição; neste caso, é o sufixo intensificador *-ão*, a que está associada não raro uma marca depreciativa, que agencia a

---

<sup>6</sup> Vários autores enfatizam que a língua (re)produz a visão do mundo de uma dada comunidade, e bem assim as estruturas mentais que esta recorta para representar essa cosmovisão.

desvalorização. De igual modo, as denominações de *semáforo* (PE) e *sinaleira* (PB) ilustram de forma paradigmática como mundos a um tempo tão próximos e tão diversos quanto Portugal e o Brasil denotam e verbalizam de forma tão diferente o mesmo instrumento de sinalização luminosa rodoviária.

## **6. Em jeito de síntese**

As unidades do léxico, sejam ou não pluriverbais, constituem uma mais-valia cultural e cognitiva que um docente não pode desperdiçar. Mais ainda: quando se trata de unidades compostas, a estrutura interna, nas suas várias dimensões, e as funções da linguagem que elas agenciam, transformam-nas em inesgotáveis instrumentos de trabalho em sala de aula, que importa valorizar.

As unidades pluriverbais de que nos ocupámos, por resultarem de combinatórias de várias unidades lexicais — em que cada uma é portadora de diferentes propriedades semântico-conceptuais —, representam uma fonte de singularidade e de plasticidade do léxico, e portanto uma inestimável área de promoção do conhecimento linguístico e cultural dos falantes.

Com efeito, não estando circunscritos pelos espartilhos que impendem sobre a derivação, os processos de construção de unidades pluriverbais que denominamos de compostos morfossintácticos e de compostos sintagmáticos configuram, no âmbito da formação de palavras, o seu espaço porventura mais criativo, pois em cada uma se caldeiam as propriedades de pelo menos duas unidades lexicais, vistas no seu semantismo literal e/ou trabalhadas à luz de processos figurais de metonimização e/ou de metaforização. Sendo unidades pluriverbais, trata-se já de palavras sintagmáticas, que dentro de si contêm os universos léxico-conceptuais de cada uma das suas unidades lexicais. Por isso são marcadas tanto pela plenitude e idiosincrasia de sentidos quanto pela abertura a interpretações tão diversas quanto os universos culturais que verbalizam.

## **REFERÊNCIAS**

BISETTO, A.; SCALISE, S. (2005), *The classification of compounds*. In: **Lingue e Linguaggio**, Bologna, IV, n.2 , p.319-332.

- BURGER, H. (2003), *Phraseologie: eine Einführung am Beispiel des Deutschen*. Berlin: Erich Schmidt Verlag.
- COWIE, A. P. (Ed.). (2001), *Phraseology: theory, analysis and applications*. Oxford: Oxford University Press.
- DICIONÁRIO TERMINOLÓGICO* para consulta em linha. [Lisboa]: Ministério da Educação, 2007. Publicado pela portaria 476, de 18 de Abril de 2007. Disponível em: <<http://dt.dgicd.min-edu.pt/>>. Acesso em: 04 de Fevereiro de 2009.
- GIBBS, R. W.; STEEN, G. (Ed.). (1999), *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: John Benjamins.
- GIBBS, R. P. L.; FRANCOZZO, E. (2004), *Metaphor is grounded in embodied experience*. In: **Journal of Pragmatics**, Amsterdam 36, p.1189-1210.
- MAKKAI, A. (1972), *Idiom structure in english*. The Hague: Mouton.
- MEL'CUK, I. (2001), *Collocations and lexical functions*. In: COWIE, A. P. (Ed.). **Phraseology: theory, analysis and applications**. Oxford: Oxford University Press, p.23-53.
- RIBEIRO, S. (2009), *Compostos nominais em português: as estruturas VN, NN, NprepN e NA*. München: Lincom Europa. (Studies in Romance Linguistics, 64).
- RIBEIRO, S.; RIO-TORTO, G. (2010), *Denominações compositivas de estrutura VN, NN, NprepN e NA*. In: ILIESCU, M.; SILLER-RUNGGALDIER, H.; DANLER, P. (eds.), **Actes du XXV Congrès International de Philologie et de Linguistique Romanes**. Tome VII. Berlin, Mouton de Gruyter, p. 477-487.
- RIO-TORTO, G.; RIBEIRO, S. (2009), *Compounding in Portuguese*. In: **Lingue e Linguaggio**, Bologna, VIII(2), p.271-281.
- RIO-TORTO, G.; RIBEIRO, S. (em preparação), *A composição em português*.
- SANROMÁN, Á. I. (2001), *A Unidade Lexicográfica. Palavras, Colocações, Frasemas, Pragmatemas*. Braga: Centro de Estudos Humanísticos, Universidade do Minho.
- SCALISE, S.; BISETTO, A. (2009), *The classification of compounds*. In: LIEBER, R.; STEKAUER, P. (Eds.), **The Oxford Handbook of Compounding**. Oxford, Oxford University Press, p. 34-53.
- SILVA, A. S. (2003), *O poder cognitivo da metáfora e da metonímia*. In: **Revista Portuguesa de Humanidades**, Braga, v.VII, p.13-75.

- TELIYA, V. et al. (2001), *Phraseology as a language of culture: its role in the representation of a cultural mentality*. In: COWIE, A. P. (Ed.). **Phraseology: theory, analysis and applications**. Oxford: Oxford University Press, p.55-75.
- TOMASELLO, M. (1999), *The cultural origins of human cognition*. Cambridge: Harvard University Press.